

Bom-senso e bom-gosto: Folhetim a proposito da carta que o senhor Anthero do Quental dirigiu ao senhor Antonio Feliciano de Castilho

Manuel Pinheiro Chagas



Published by the Library of Alexandria

Bom-senso e bom-gosto: Folhetim a proposito da carta que o senhor

Anthero do Quental dirigiu ao senhor Antonio Feliciano de Castilho

A carta do sr. Anthero do Quental ao sr. Castilho. Motivo para tomo a palavra... O sr. Anthero apanhado em ^anegligæ^o... Vem a proposito da obra de Victor Hugo, o Barão Ultramarino, D. Ignez de Castro e Camões... As novidades velhas... As porcelanas da Russia... Cita-se Nicoláo Tolentino... Entra-se na questào do ideal... Evocação perigosa... As escolas da decadencia... Não falta Victor Hugo... Para que servem as imagens... O manto de Hercules... As aguias e as galinhas. Publicou-se ha tempo e tem-se espalhado em Lisboa uma carta dirigida pelo sr. Anthero do Quental ao sr. Antonio Feliciano de Castilho, carta em que o poeta das Odes modernas protesta violenta e virulentamente contra a censura, irrogada pelo cantor do Amor e Melancholia Þ desastrada escola, de que o sr. Anthero do Quental teve a triste honra de ser um dos fundadores. Fõra lavrada essa censura no artigo de critica litteraria com que o sr. Castilho acompanhou o pobre poema, que ahi publiquei, e que ficou d'essa firma illustre. Marengo e Austertiz, diz Victor Hugo no prologo das Orientaes, eram duas ignoradas aldeias; immortalisou-as um dos lampejos victoriosos da espada de Napoleão. Não intento responder Þ carta; ainda que a pessoa, a quem ella æ dirigida, esteja dispensada de responder pela inconveniencia do ataque, não me compete a mim substituil-a. Penna mais competente e mais authorisada por todos os motivos se estÞ preparando para isso;[1] mas eu, que fui um dos primeiros a accusar de falso, de affectado, de absurdo, de gongorico o estylo da escola de Coimbra, hoje, que uma das pythonizas desce da tripode, e vem, em linguagem accessivel aos mortaes, explicar os oraculos, e lanãar a luva aos que zombaram dos livros sybillinos, não desamparo o meu posto, e apresso-me a descer Þ liãa, onde encontro afinal um adversario. Não via atæ agora senão sombras impalpaveis, que fluctuavam nas brumas das abstracções, e se revestiam de um certo ideal, alugado a tanto por ode nos algibebes da Allemanha. Linguagem accessivel aos mortaes, disse eu jÞ, e repito agora.{4} ^aUma das maiores provas do absurdo d'aquelle estylo, dizia-me um dia d'estes Bulhão Pato illuminando a questào com um dos admiraveis lampejos do seu espirito de poeta, æ que atæ para o defenderem precisam de o abandonarem.^o Mais

wikilivros

ainda, digo eu; a prova de que esse estylo æ affectado æ que o sr. Anthero do Quental, quando o seu espirito, excitado pela critica justa ou injusta, que lhe foi feita, se levantou de um impeto para defender-se, quando a palavra lhe brotou espontaneamente dos labios, não procurou phraseado nebuloso, não adoptou firmas arrevezadas, deixou-a irromper envenenada mas vehemente, resvalar pelo declive natural, reflectir na torrente espumosa o esplendor do sol claro e limpido, o desanuviado azul do nosso firmamento. Apanh  mol-o em flagrante delicto de naturalidade. Surprehend  mol-o antes de ir para o toucador, sem peruca, sem carmim, sem p   de arroz.    verdade que o vimos tambem em mangas de camisa, e de mangas arrega  adas. Mas antes isso, sr. Anthero do Quental, antes isso do que vestir aquella casaca allem  , t  o safadinha j  , e que nos quer dar por nova. Innovar, inventar, sr. Anthero do Quental! no tempo de Henrique Heine j   essa casaca estava no fio, e ainda encontrou em Coimbra quem a arremendasse! Ah! Coimbra, terra de encanto, do Mondego amena flor o que te falta s  o alfaiates, que n  o tenham s   obra feita, vinda pelo paquete de Bordeos

[Clique aqui para obter este livro](#)